Custou mas foi. Aqui está o Lápis Desafiado nº 5, que tanto tempo esteve no fundo da gaveta. Agora estica o bico, desavergonhado, mete-se onde não é chamado e, para já, não chama para mais nenhum desafio. Caso já não se lembrem, este Lápis Desafiado nº 5 reúne um conjunto de críticas aos objectos sonoros do Lápis Desafiado nº 4. Ver mais info em: https://lapisdesafiado.noblogs.org

Julho 2016

    

Lápis Desafiado nº 5



Sem título

por C. O.

Caros leitores, escreve estas notas um crítico reformado que renega o seu passado crítico e que pela primeira vez sente a vontade espontânea da crítica. Refiro-me ao cd, também em versão disponível *on-line*, *Lápis Desafinado 4*. Na verdade, não se intitula assim, mas apetece assim intitulá-lo pelo não alinhamento com a música que passa nos canais habituais controlados pela indústria (e também porque agora faço o que me apetece, já não cedo a pressões, não estou para isso, era o que me faltava). Como esta noite ainda quero ir à cama, não poderei comentar todas as faixas, pelo que, escolherei algumas, as primeiras, sem desprimor para nenhuma das restantes. Queiram, pois, seguir-me, nesta digressão telegráfica.

***A casa, a árvore, o carro*, dos X Rural + Orsetto + Catapulta + Felismina**

Música em nevoeiro alcoolizado com apitos de navio ao fundo e ruídos electrónicos quotidianos que são o ranger dos dentes do mundo, acompanhado de bateres do coração. Cardápio excelente. Não apetece sair desta viagem embriagada, no campo como na cidade, em X tempo que é a nossa vida.

***Variações com Vivaldi*, de Matilde e Rubina**

Vivaldi variado e interrompido para uma voz nua com dentes. É tão bom haver dentes e gestos de dedinhos na música que, assim, até se pode beijar.

***O coração deles*, dos O Dini Projekt**

Aqui está uma música que só aparentemente poderia ser comestível. E como bate certa a letra! Espero que não tenham Berlim por horizonte, a avaliar pelo K do projecto. É que por lá, sempre se mata o apetite.



***Meu coração*, dos Graça Terminal**
Curioso este confronto em que, dois grupos alegadamente distintos, apropriando-se do mesmo poema e, por vezes, da mesma melodia, tenham ainda por cima uma vocalista com o mesmo timbre de voz. Não querendo indispor as bandas entre si, cabe-me acrescentar que coincidências destas acontecem, mesmo à distância. Porém, tudo nos leva a crer estarmos perante um caso de heteronímia musical, apelando-se à intervenção do ouvinte que assim se vê na contingência de descobrir as diferenças de linguagens entre os dois projectos. Na qualidade de crítico, deixo aqui algumas sugestões neste sentido. Na última interpretação (*Meu coração*), assistimos a uma desconstrução da palavra, enquanto que na primeira (*O coração deles*), a desconstrução é musical, se bem que no final de *Meu coração*, por contraponto, se dê uma anulação do movimento desconstrucionista, mas para melhor evidenciá-lo. Deste modo, encontramo-nos no rasto derridiano: aquilo que dizemos e ouvimos só será de facto verdade quando perspectivado como algo incompleto e aceitarmos desconstruí-lo. Estamos claramente perante uma vanguarda musifilosofal.

***Acorda girassóis*, de V. Polido**
Uma voz que desvanece palavras e nos deixa presos sem saber se de saudades da voz ou das palavras. O som dos motores de partida e do virar da página aguçam esta sensação. Repare-se na derivação dos girassóis em saxofone. Já não sei bem da cor do saxofone, mas este é amarelo.

***Ânsia de um suspiro*, de João Baía**
Navegamos em acordeão no mar alto. Melodias vêm como vagas. Pareceu-me avistar um redondo vocábulo, mas poderia não passar de miragem. Música de respiração e cheiro a brisa marítima.

***Aujourd'hui*, de Ross**
Objecto sonoro em que se confundem ambientes de piscina coberta com desenhos animados japoneses. O pós-modernismo no seu melhor. Trata-se de uma obra aberta na ambiguidade do signo que são os sapatos de salto a percorrer a paisagem sonora, proibidos, por norma, nas piscinas. Apelam-se aqui aos sentidos da transgressão e da superação na obra de arte.

***Baudelaire*, de ddac**
A voz solo desta faixa traz com ela todo o corpo. É uma voz metonímica. Sabe a pão quente caseiro, bem cozido, com manteiga, acompanhado de tinto encorpado. Palavras, corpos e copos convocam-se assim mútua e alternadamente, num movimento circular. Aconselhamos vivamente a sua audição antes da refeição.

***Tchiii poemas*, de Diana**
Pura música de dança para um corpo com cabeça. Indubitavelmente música: é uma musa que a canta e espanta palavras, actos e omissões. Atente-se, no primeiro momento, no efeito baterístico da boca, dentes, língua, voz, respiração de quem, como gato escaldado sai pela porta de emergência da poesia que não quer. No segundo momento, a mesma voz desdobra-se, deixando para trás a outra, a escaldada, e passa a primeiro plano em adágio ou alegreto, largamente instrumental. Quereríamo-la num corpo em acção, talvez se concerte numa sala, próxima de nós.

Objecto-sonoro:
a futura máquina incompleta

por João Baptista Clemente

"Vomita as cinco estrelas, derrete os óscares, destrói os grammys"
A crítica mal dita, Dezembro de 2014

Pouco importa agora o nome do autor, Jorge Delmar. Desconhecemos a sua origem e o seu currículo. Contudo, observemos que este objecto sonoro de Delmar pouco tem a ver com o mar, como o seu nome faria supor. Nada marítimo e pouco português até, rompendo com os actuais provincianismos de mercado que fazem bandas que no seu conformismo latente servem aos vendedores de bugigangas como um bibelô de quinta ordem para encher a estante de galos de barcelos, decorar a extorsão quotidiana em salões de alterne e dar às massas os seus posters de povinho. Musicalmente anódinos e com uma tendência de fazer o pior uso da palavra, que é pô-la a bajular turistas e bairristas, presidentes da câmara, gestores e presidentes, armando-se de uma falsa imagem que põe guitarras portuguesas a prender cabelos de meninas trajadas.

Nada disso aqui, nem portugalidadezinhas, nem engraxadores de festivais. Basta estar atento à forma de dizer "Irene", para arrumar com 40 anos de marinheiros a quererem muito ir viajar, mas não sabem sequer o que um peixe é, e viajam só pelos acordes conhecidos, até aos supermercados de cultura. A cultura dominante não aceitará este *objecto-sonoro*, não porque seja "uma grande novidade", não porque soe "original", nem porque seja "difícil de catalogar". O mercado simplesmente ignorará uma produção sonora que não encaixe em nenhum dos seus programas de vendas, dos seus empreendimentos de estupidificação, dos seus sucessos "para muita gente" - que significa na verdade para muita gente consumir e defecar imediatamente produtos de plástico que é uma chatice desembrulhar para fingir que duram mais de um minuto.

Objecto-sonoro leva-nos da casa à rua, esse lugar mítico de barricadas e revoluções - afrontamos os mitos, ou quê? -, e faz do micro e da mistura tudo o que é preciso para procurar música, para ir ao encontro da escuta e dos sons. "Irene" ficará para sempre na história graças às hipérboles do crítico que neste caso não está a trabalhar. Ficará para sempre na história da música, e mesmo na história do esquecimento, porque faz do tempo o instrumento de luta e desafio aos sons, na esteira dos melhores "concretos" e da comuna de Paris em que participei com entusiasmo. Pouco importa agora o poema em que se baseou.

O objecto-sonoro sai junto de uma data de coisas belas e bêbadas, onde se destaca o magnífico "letra em alemão" (de outra artista desconhecida, Nadine), num disco que responde ao mercado saindo completamente dele porque eu não sou daqui, tirando umas compritas e impressões que ainda se têm de fazer. Mas este objecto-sonoro sobressai amador da ponta de lança dos astros e destrói o firmamento das certezas e das opressões au-



ditivas para abrir um mundo novo, onde a mulher nova - Irene - poderá sem futurismos ser ela própria no agir livre dos produtores do mundo, sem patrões e muito felizes por não os ter.

Esperamos ansiosos, a partir deste fragmento, a sua máquina (in)completa de dar estaladas bem sonorAs aos poderes instalados, um tabefe musical no banqueiro que com seu cão financeiro e seus lacaios governam ainda o seu imundo e insuportavelmente mal-cheiroso antro de estupidificação generalizada a que chamam pomposamente cultura.

Single de um disco de V. Polido

por Heitor Melanciano

A autora recita: "Há formas que despertam seivas, por exemplo, a forma da Torre Eiffel". A primeira parte da letra de João Paulo Esteves da silva que popula esta música.

Ouve-se um aspirador a levantar vôo e uma espécie de ambiente new age. Evolui para uma salsa com metais, muito relaxada, lounge e cool... rumba chique... de quinta volta... mas para pessoas que são contra o sistema. Merece margaritas, e é quase como se fosse um género grave, sentimental, no dia em que encontrei o meu namorado. Ar de casino, copos triangulares. É cinema. É filme. E é claramente, mais do que um cut-up, uma apropriação quase na íntegra. O que quererá ilustrar desta maneira?

"Acorda girassóis sonolentos e cola-os vivos para memória".. E voltamos a ouvir a mesma música, até ao fim. No fim parece uma colagem simples, e fica-se confuso, para quê estas citações, quase intocadas? Mas talvez estejamos demasiado habituados a ouvir discos de quem tem que finjir que toca isto e aquilo, que controla, que nos mostra habilidades, ao invés de quem nos propõe simplesmente justapor isto e aquilo para que exista uma qualquer experiência.

Crítica musical

por Jorge Delmar

É um prazer ouvir esta música. Um minuto de audição é
suficiente para nos deliciarmos. Mais do que uma canção,
é uma entrada para o paraíso. Amanhã vamos querer
ouvir mais e mais.
Guardamos a canção no ouvido, como se fosse
um Rembrandt musical.
A partir de agora, nada ficará como antes no mundo da música.
Nada.
Deve tomar este medicamento como indicado pelo seu médico.
Efeitos secundários possíveis se talvez. Mastóide, resultando em
neuropatias cranianas e abcesso cerebral. Esfenoidal infecciosa pela
base do crânio causada por pseudomonas. Rigorosos garantidos
por qualidade critérios de selecção pureza. Dar ou não dar, eis a
grande questão que quase que, senão que. Agora não escrevo mais
porque não me apetece.